

Canaã: Um romance de idéias

Jesuíno Aparecido Andrade  
José da Paixão Souza Lobo

José Pereira da Graça Aranha nasceu na cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, em 1868. Filho de uma família burguesa, abastada e culta, teve um lar propício ao seu desenvolvimento intelectual. Ainda adolescente, foi para Recife onde ingressou no curso de Direito tendo como mestre o intelectual Tobias Barreto. Formado, em 1886, dedicou-se ao exercício da magistratura, foi nomeado juiz da cidade de Campos, Rio de Janeiro, e em 1890 foi designado para o cargo de juiz municipal em Porto de Cachoeiro, Espírito Santo. Nesse lugar, teve a oportunidade de observar a realidade dos imigrantes que chegavam da Europa, sendo que, nesse mesmo período, pôde coletar dados para aquela que se tornou sua mais importante obra: O romance de tese Canaã.

Graça Aranha publicou seu primeiro trabalho em 1894, foi o prefácio ao livro *Concepção Monística do Direito*, de Fausto Cardoso. Consagrado com o romance Canaã, que veio a público em 1902, o escritor ainda jovem ingressou na Academia Brasileira de Letras ocupando a cadeira que pertencera a Tobias Barreto. Entrou para o Itamarati, dividindo seu tempo entre a literatura e várias missões diplomáticas, atuou nas embaixadas da Inglaterra, Suíça, Itália, Noruega, Dinamarca, França e Holanda. Regressando ao Brasil em 1920, tornou-se um ardoroso divulgador das idéias de Vanguarda que assimilara na Europa, principalmente na França. Foi um dos

participantes mais ativos da Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo em Fevereiro de 1922, sendo inclusive um dos poucos intelectuais a dar apoio ao movimento vanguardista. Em 1924, com a divulgação do manifesto “O Espírito Moderno” que questionava a imobilidade da literatura nacional o escritor rompeu definitivamente com a Academia Brasileira de Letras, saindo por iniciativa própria da entidade.

Graça Aranha faleceu no Rio de Janeiro em 1931, aos sessenta e dois anos de idade. Deixou inúmeras obras publicadas, sendo as de maior destaque: Canaã, Estética da Vida, Malasarte, Espírito Moderno e A Viagem Maravilhosa.

O romance Canaã é uma obra que dá voz à problemática da imigração alemã para o Estado do Espírito Santo no final do século XIX. Nele, o autor narra as desventuras de dois estrangeiros que ao chegarem a “nova terra” passam a vê-la sob a perspectiva de visões de mundo antagônicas. Considerado como um romance de idéias, Canaã constitui-se de longos diálogos entre os personagens Milkau e Lentz, ocasiões em que cada um dos imigrantes argumenta em defesa de suas idéias a respeito da migração e do desenvolvimento da colônia.

O romance começa com a narrativa da chegada do alemão Milkau a uma colônia de imigrantes europeus no Espírito Santo. Ele aluga um cavalo para ir do Queimado à cidade de Porto do Cachoeiro, faz o trajeto em companhia de um menino de nove anos que contratara para servir-lhe de guia. Durante a viagem, o imigrante observa a paisagem e mantém contato com os nativos, gente pobre e desamparada de descendência escrava. Chegando a Porto do Cachoeiro, o imigrante procura o sobrado do conterrâneo Roberto Schultz, na tentativa de conseguir hospedagem. Lá é apresentado a ele outro imigrante, Von Lentz, recém-chegado ao país. Milkau e Lentz

tornam-se amigos e fazem planos para a vida profissional futura de ambos que apontava apenas dois caminhos: Agricultura ou comércio.

Na seqüência da narrativa, o dono da hospedagem apresenta-lhes o agrimensor Sr Felicíssimo, o responsável pela concessão de lotes de terras públicas aos imigrantes. Milkau logo se entusiasma com a possibilidade de adquirir sua própria terra, Lentz por sua vez está indeciso, não sabe ao certo se seu futuro está na plantação ou no comércio. Milkau e o agrimensor o convencem a investir na agricultura e o representante do governo ainda encena com a possibilidade de distribuir a eles lotes de terras na região do rio Doce.

Milkau, Lentz e o agrimensor partem para o Rio Doce para conhecerem as terras a serem loteadas. Pelo caminho, os dois imigrantes discutem a paisagem brasileira e a raça presente no país. Milkau acredita que a mistura de raças favorece o progresso de uma nação. Para ele, a fusão de uma raça adiantada com uma selvagem contribui para o rejuvenescimento da civilização. Lentz, no entanto, argumenta a propósito da superioridade da raça ariana, exalta o fato dos alemães serem superiores aos mulatos. O jovem imigrante acredita que a mistura de raças gerará uma cultura inferior, uma civilização de mulatos que viverão sempre em meio a conflitos.

Na seqüência, os três viajantes param para pernoitar numa pensão. Durante a noite, ouvem histórias lendárias contadas por homens da terra e por trabalhadores alemães. O diálogo entre os dois imigrantes mostra que os planos de ambos em relação à posse da terra diferem. Milkau pensa apenas em ter seu pedaço de chão, quer que a distribuição da terra seja feita de forma justa, sem ganância. Lentz, está determinado a ampliar sua propriedade, pensa em ter muitos trabalhadores sob seu

comando, sonha com o domínio da raça branca sobre a mulata, quer provar a superioridade do branco.

Milkau e Lentz chegam às margens do Rio Doce, recebem do agrimensor os lotes de terra prometidos. Agora, eles precisam cuidar da própria propriedade, edificar morada e cuidar da plantação. De imediato, Lentz viaja a procura de materiais para a construção da casa, no percurso encontra-se com um velho colono alemão que carrega como companhia apenas cães ferozes. Para espanto do imigrante, dias depois esse colono é encontrado morto em casa, guardado pelos animais e sendo devorado pelos imigrantes.

Certo dia, ao retornar de uma viagem a Santa Teresa, Lentz traz a notícia de que em Jequitibá o pastor vai comandar uma celebração religiosa importante. Os colonos decidem preparar uma festa para a ocasião, Milkau resolve juntar-se a eles com a finalidade de se familiarizar com os costumes do povo do lugar. Durante a caminhada para Jequitibá, os imigrantes travam contato com os outros colonos, têm a oportunidade de observar o jeito tradicional das mulheres se vestirem que revela a região da Alemanha de onde cada uma emigrou.

Após a celebração religiosa, o agrimensor Sr Felicíssimo os convida para festejarem no sobrado de Jacob Müller. Nesse local, ouvem musicas e vêem o povo dançando, Milkau confessa a Lentz que era esse tipo de ambiente que ele desejava encontrar no Brasil: Vida simples em meio à gente simples. Lentz, no entanto, vê aquele modo de viver como uma existência vazia, sem futuro promissor.

Nesse dia, Milkau conhece uma colona chamada Maria Perutz. A imigrante logo se apaixona por ele. A história de Maria é muito triste, o pai morreu antes que ela tivesse a oportunidade de conhecê-lo. A mãe, viúva, criada da casa do alemão Augusto

Kraus, logo falece e Maria fica aos cuidados dele. Moravam o velho Kraus, seu filho, a nora Ema e o neto Moritz Kraus. Repentinamente, Augusto Kraus morre e a situação se complica para Maria. Ema e o esposo decidem expulsar a colona da casa temendo uma aproximação amorosa entre ela e o filho. A família queria que o rapaz se casasse com uma jovem rica chamada Emília Schenker. Moritz Kraus parte de Jequitibá com grande alegria, Maria fica triste e desgostosa, pois eles já eram amantes.

Um oficial de justiça visita a colônia e procura por Franz Kraus, ele quer saber porque a morte do velho Augusto não foi comunicada as autoridades; passa-lhe um documento alertando sobre a necessidade de fazer o arrolamento dos bens do falecido e comunica-lhe que funcionários do governo ficarão hospedados em sua casa para executar tal tarefa . O grupo se hospeda na residência, de forma corrupta ameaça os colonos com extorsões e pelos serviços prestados cobra de Franz Kraus a exorbitante quantia de Quatrocentos mil réis. Além disso, demonstra interesse em Maria, principalmente o procurador Brederodes Kraus.

Nessa ocasião, a situação de Maria piora. Grávida de Moritz ela teme que os pais do rapaz percebam e a expulsem da casa. Isso realmente acontece, vendo a colona mover-se desesperada pela casa eles desconfiam e temendo que o fato atrapalhe o casamento de interesse do filho passam a maltratá-la. Os pais do jovem Moritz tratam agora Maria com mais rigor, exige dela trabalhos forçados e dão-lhe pouca comida. Por um tempo, a colona suporta as humilhações, mas depois foge desesperada a procura de abrigo, pede ajuda ao pastor que lhe nega o auxílio; sem saída refugia-se na floresta e nesse lugar passa a noite.

Os colonos vêem Maria perambulando pelas terras, classificam-na de louca e exige a saída imediata dela da região. No dia seguinte, Maria encontra abrigo numa

estalagem, a dona do estabelecimento dá-lhe apenas dois dias para arranjar um emprego, a colona tenta, mas a busca é em vão. Durante a permanência de Maria na estalagem, ocorre o reencontro com Milkau, ele ao saber de sua história fica comovido e pronfica-se a ajudá-la. A moça é aceita na estalagem, porém passa a ser tratada com desdém pelos demais moradores.

Certo dia, enquanto trabalhava sozinha no cafezal, Maria sente as dores do parto. Temendo ser hostilizada na hospedagem, resiste ao sofrimento e enquanto dá a luz no meio do mato desmaia devido as terríveis dores do parto. Alguns porcos que estavam nas proximidades devoram a criança; nesse instante, chega ao local a filha dos donos da estalagem que sem perguntar o que havia acontecido corre para comunicar aos colonos que Maria tinha dado a luz, matado o bebê e dado o recém-nascido aos animais. Devido ao trágico acontecimento, Maria Perutz é presa e encaminhada para a cadeia de Porto do Cachoeiro.

A população alemã fica horrorizada com o crime cometido por Maria e prepara-se para uma vingança. Milkau fica sabendo do destino trágico da colona, visita-a na prisão e fica compadecido com sua situação de desespero. Por dias seguidos, Milkau repete a visita, devido a isso passa a ser visto pelos moradores locais com desprezo e desconfiança. Julgam-no ser o suposto amante e pai da criança. Mesmo repelido pelos moradores, ele permanece ao lado de Maria.

Certo dia, estando na companhia de Felicíssimo, Milkau vê Maria sendo levada por dois soldados para o tribunal para ser julgada. Em todas as etapas do julgamento a colona é considerada culpada. Milkau acompanha todas as sessões e fica amigo do juiz Paulo Maciel, o magistrado lhe confessa que o caso de Maria é complicado e que certamente ela será condenada, pois as evidências do crime são fortes. Na

oportunidade, o imigrante e o juiz aproveitam para discutir a respeito da justiça brasileira, do brasileiro e de seu patriotismo. Ambos chegam a conclusão que a avaliação não é das melhores. O juiz se declara impossibilitado de fazer justiça devido a uma série de circunstâncias. Milkau, por sua vez, crê que a justiça é a única capaz de fazer imperar a verdade. Entretanto, à medida que acompanha o desenrolar dos fatos percebe que esta é ineficiente, assim vai se deixando tomar pela tristeza e angústia.

Por fim, numa certa noite, Milkau rapta Maria Perutz da prisão e com ela foge pelos campos na esperança de encontrar a terra prometida, onde os homens vivem felizes em eterna harmonia.

Conforme questiona Arnoni Prado<sup>1</sup>, diante de um livro como *Canaã*, a nossa primeira reação é de dúvida: Será mesmo um romance ou se trata, na verdade, de um escrito de outro gênero? O crítico Ronald de Carvalho deu uma definição que nos parece muito apropriada, ele o chamou de um “romance de idéias”. Sabemos que de fato o livro publicado em 1902, um dos mais aclamados do período denominado Pré-Modernismo, trata-se de um estudo sociológico a respeito da imigração alemã para o Brasil no final do século XIX e início do século XX. O enredo se baseia numa espécie de confronto de idéias entre dois imigrantes – Milkau e Lentz – recém-chegados ao interior do Espírito Santo para trabalhar como colonos. Nos diálogos, cada um expõe suas idéias sobre o papel da imigração no futuro do Brasil, sobre o atraso social da nação e suas chances de desenvolvimento. As idéias de Lentz são de caráter colonialista, para ele o Brasil estava condenado a ser permanentemente um país atrasado devido a presença de tantas raças mestiças em seu território. Esse colono,

---

<sup>1</sup> ARNONI PRADO, Antonio. Uma Obra de Ficção Sociológica. In: ARANHA, Graça. *Canaã*. São Paulo: Editora Ática, 1998 p 3

expoente de idéias racistas, acreditava que a missão do imigrante era mostrar a superioridade da raça ariana. Milkau, porém, defendia a integração do imigrante à realidade brasileira, ele sonhava com uma democracia étnica e uma harmonia social. É dele o sonho de encontrar a Canaã, a terra prometida.

No romance, Graça Aranha propõe dois tipos de confronto. O primeiro deles, refere-se ao impacto da natureza exuberante e envolvente no olhar do homem branco vindo de fora. Num primeiro momento, o imigrante entrega-se ao encantamento, vive a admirar as paisagens tão distintas daquelas vistas no Velho Mundo. Entretanto, depois de adentrarem no território os colonos percebem que os desafios são muito maiores, era muito mato para pouco braço, muito suor para pouco ganho. O embate agora é o seguinte: Valerá a pena tanto sacrifício pela posse da terra?

Outro questionamento relevante feito pelos imigrantes, principalmente por Milkau, era o fato de que apesar de haver tanta terra disponível no país a fome e a miséria ainda existirem. Sabemos que essa discussão permanece na sociedade brasileira, exemplo é a canção “Meu País”, de autoria de Zezé Di Camargo:

Aqui não falta sol  
Aqui não falta chuva  
A terra faz brotar qualquer semente  
Se a mão de Deus  
Protege e molha o nosso chão  
Por que será que tá faltando pão?  
Se a natureza nunca reclamou da gente  
Do corte do machado, a foice, o fogo ardente  
Se nessa terra tudo que se planta dá  
Que é que há, meu país?  
O que é que há?

Tem alguém levando lucro  
Tem alguém colhendo o fruto  
Sem saber o que é plantar  
Tá faltando consciência  
Tá sobrando paciência

Tá faltando alguém gritar

Feito um trem desgovernado  
Quem trabalha tá ferrado  
Nas mãos de quem só engana  
Feito mal que não tem cura  
Estão levando à loucura  
O país que a gente ama

Feito mal que não tem cura  
Estão levando à loucura  
O Brasil que a gente ama<sup>2</sup>

Analisando o enredo de Canaã constatamos que Graça Aranha propositalmente opõe Milkau a Lentz, e a partir dessa oposição elabora uma tese seguindo rigorosamente a estética naturalista. Bosi analisa esse contraste da seguinte forma:

“Lentz é o profeta da vitória dos arianos, enérgicos e dominadores, sobre o mestiço, fraco e indolente. Milkau, o porta-voz da integração harmoniosa de todos na natureza maternal”.<sup>3</sup>

No romance, as palavras de Lentz glorificam a moral do mais forte. Para ele característica do europeu instruído e familiarizado com o progresso do seu tempo. Já as palavras de Milkau analisam a capacidade do mestiço de conviver com o homem civilizado. O autor demonstra acreditar que o homem é produto do meio em que está inserido. Para Arnoni Prado<sup>4</sup>, ficcionalmente ele aprofunda essa questão ao mostrar a precariedade da vida local, o primitivismo das condições de trabalho e da ordem social e o despreparo das autoridades, fatos estes que refletem a inaptidão dos nativos para conviver com códigos da vida organizada.

---

<sup>2</sup> CAMARGO, Zezé Di. *Meu País*. Disponível em: <http://zeze-di-camargo-e-luciano.musicas.mus.br/letras>  
Acesso em: 28/06/006 19:30hr

<sup>3</sup> BOSI, Alfredo. Um Espírito Aberto: Graça Aranha. In: *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix editora 1994 p 324 a 330

<sup>4</sup> ARNONI PRADO, Antonio. Uma Obra de Ficção Sociológica. In: ARANHA, Graça. *Canaã*. São Paulo: Editora Ática, 1998 p 5

Em *Canaã*, Graça Aranha revela seu talento descritivo. O retrato da saga dos imigrantes europeus ganha status de documento histórico. O descritivismo aparece com maestria, por exemplo, na reconstrução literária da paisagem, na cena do ritual de sacrifício do cavalo pelos magiares, no relato da morte do filho recém-nascido de Maria Perutz que é devorado pelos porcos selvagens em pleno campo e numa maior intensidade no episódio que trata do resgate do cadáver do velho colono que vivia como ermitão. Conforme opina Bosi<sup>5</sup>, o romancista não conseguiu estruturar personagens convincentes, porém soube com precisão descrever cenas de violência que provocam comoção no leitor. Ainda segundo o crítico, essas cenas servem de contraponto às idéias pacifistas de Milkau que acreditava utopicamente na existência de uma eterna harmonia na relação do homem com a natureza.

Como documento literário, *Canaã* discute com nitidez uma problemática presente na sociedade brasileira do final do século XIX e principio do século XX. Estamos aqui a falar da questão racial. Graça Aranha trata do assunto fortemente influenciado pelo Determinismo darwinista vigente no meio científico da época. As palavras do personagem Lentz são exemplo disso:

“Não acredito que da fusão com espécies radicalmente incapazes resulte uma raça sobre que se possa desenvolver a civilização. Será sempre uma cultura inferior, civilização de mulatos, eternos escravos em revoltas e quedas (...) Não, Milkau, a força é eterna e não desaparecerá; cada dia ela subjugará o escravo. Essa civilização, que é o sonho da democracia, da fraternidade, é uma triste negação de toda arte, de toda a liberdade e da própria vida. O homem deve ser forte e querer viver, e aquele que um dia atinge a consciência de sua personalidade, que se entrega a uma livre expansão dos seus desejos, àquele que na opulência de uma poesia mágica cria para si um mundo e o goza, aquele que faz tremer o solo, e que é ele próprio uma floração da força e da beleza, esse é o homem e senhor” .<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> BOSI, Alfredo. Um Espírito Aberto: Graça Aranha. In: *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix editora 1994 p 327

<sup>6</sup> ARANHA, Graça. *Canaã*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998 p 35 -36

Contrária opinião tem Milkau, esse imigrante é revelador de um Evolucionismo que beira o humanitarismo:

“O mundo é uma expressão da harmonia e do amor universal. ( E apontando para a vegetação no alto de uma rocha.) Na verdade, a vida dos homens na terra é como daquelas plantas sobre a terra. (...) Do muito amor, da solidariedade infinita e íntima, surgiu aquilo que nós admiramos: Um jardim tropical expandindo-se em luz, em cor, em aromas, no alto da montanha nua, que ele engrinalda como uma coroa de triunfo... A vida humana deve ser também assim. Os seres são desiguais, mas, para chegarmos à unidade, cada um tem de contribuir com uma porção de amor. O mal está na força, é necessário renunciar a toda a autoridade, a todo o governo, a toda a posse, a toda a violência”.<sup>7</sup>

De acordo Bosi<sup>8</sup>, essa posição de Milkau não se restringe apenas à defesa de idéias. Ela desdobra-se em ação quando o colono passa a proteger Maria, jovem imigrante que vive situações trágicas na colônia. Para Milkau, Maria representa a fragilidade da mulher, oprimida pela lei do mais forte. Quando ele a liberta do cárcere sua esperança é dar-lhe novos horizontes. A fuga rumo à terra prometida, a desejada Canaã, demonstra que o desejo do imigrante era ter uma vida harmoniosa, sem competição e sem ódio.

Para encerrar, gostaríamos de citar a opinião de Veríssimo<sup>9</sup>. Este estudioso da nossa literatura diz que o mérito superior de Canaã não está nos episódios narrados, nem mesmo nas partes, mas nas idéias que transmite. Concordamos com ele e salientamos que o romance não é uma obra para ser lida como passatempo, é algo que leva a pensar, a refletir sobre a realidade. O romance é um documento histórico a cerca da imigração alemã para o Brasil, um grito contra o preconceito racial e suas implicações. Em fim, Canaã é mesmo “um romance de idéias”.

---

<sup>7</sup> Id, Ibidem p 45-46

<sup>8</sup> BOSI, Alfredo. Um Espírito Aberto: Graça Aranha. In: *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix editora 1994 p 327

<sup>9</sup> VERÍSSIMO, José. O “Canaã – Romance do Sr. Graça Aranha. In: *Estudos de Literatura*. 6ª série. Rio de Janeiro: Garnier, 1907 p 17 - 27

Indicação:

Indicamos a leitura do romance *Canaã*, de Graça Aranha, por tratar-se de uma obra que discute de maneira primorosa a problemática da imigração alemã para o Brasil no final do século XIX. Além disso, o romance possibilita o contato do leitor com uma literatura ideológica, quer dizer, com uma obra que defende abertamente idéias; principalmente no que se refere à formação étnica do povo brasileiro.

Referência

ARANHA, Graça. *Canaã*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BOSI, Alfredo. Um Espírito Aberto: Graça Aranha. In: *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix editora 1994.

VERÍSSIMO, José. O "Canaã – Romance do Sr. Graça Aranha. In: *Estudos de Literatura*. 6ª série. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

ARNONI PRADO, Antonio. Uma Obra de Ficção Sociológica. In: ARANHA, Graça. *Canaã*. São Paulo: Editora Ática, 1998.